

Desafios da docência na educação superior brasileira: notas a partir de uma análise de literatura entre 2014 e 2024

Challenges of Teaching in Brazilian Higher Education: Notes from a
Literature Analysis between 2014 and 2024

Desafíos de la docencia en la educación superior brasileña: notas a
partir de un análisis de literatura entre 2014 y 2024

Andrízia Gomes Pereira 

Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei – MG, Brasil.
andriziagomespereira@gmail.com

Cássia Beatriz Batista 

Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei – MG, Brasil.
cassiabeatrizb@ufsj.edu.br

Robson Nascimento da Cruz 

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, Brasil.
robsoncruz78@yahoo.com.br

Recebido em 23 de junho de 2025

Aprovado em 26 de março de 2026

Publicado em 15 de abril de 2026

RESUMO

A literatura a respeito da docência da educação superior é recente no Brasil, ganhando notoriedade a partir dos anos 2000, período no qual esse nível de ensino experimenta significativas mudanças em seu funcionamento. Nesse contexto, diversos desafios acerca do trabalho docente se transformaram em relevantes questões de pesquisa. Porém, a despeito do grande valor das pesquisas originadas a partir dessas questões, alguns temas se apresentam ainda de modo um tanto incipiente na literatura. É partindo desse cenário que o objetivo desta pesquisa foi apresentar um panorama dos principais desafios investigados no debate sobre a docência da educação superior na literatura nacional. Para isso, realizamos uma revisão de literatura a partir de artigos indexados nos últimos dez anos na Coleção Brasil da base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO). Selecionamos 29 artigos que foram organizados em cinco núcleos temáticos categorizados pela similaridade dos debates. Tais núcleos possibilitaram a análise por subtemas que resultaram nas sessões de discussão deste artigo. Os resultados indicaram que a temática da formação e da precarização tem

angariado maior atenção na literatura. Outras categorias, como gênero, sentido e satisfação, e identidade e saúde, também têm sido apresentadas na literatura como desafios para a docência. Considerou-se que ainda existem lacunas que requerem maior aprofundamento nesse debate, em especial no que tange aos aspectos psicossociais, cotidianos e micropolíticos da docência na educação superior.

Palavras-chave: Trabalho docente; Educação superior; Revisão de literatura.

ABSTRACT

The literature on higher education teaching is relatively recent in Brazil, gaining prominence from the 2000s onward, a period during which this level of education has undergone significant changes. In this context, various challenges related to teaching work have become important research topics. However, despite the great value of research stemming from these issues, some themes still appear somewhat underdeveloped in the literature. Against this backdrop, the objective of this study was to present an overview of the main challenges investigated in research on higher education teaching in the national literature. To this end, a literature review was conducted based on articles indexed over the past ten years in the Brazilian Collection of the Scientific Electronic Library Online (SciELO) database. A total of 29 articles were selected and organized into five thematic clusters, categorized according to the similarity of their debates. These clusters enabled an analysis by subthemes, which structured the discussion sections of this article. The results indicated that the themes of teacher education and precarization have garnered the most attention in the literature. Other categories, such as gender, meaning and satisfaction, and identity and health, have also been presented as challenges for teaching. The findings suggest that gaps still remain and require further investigation, particularly regarding the psychosocial, everyday, and micropolitical aspects of teaching in higher education.

Keywords: Teaching work; Higher education; literature review.

RESUMEN

La literatura sobre la docencia en la educación superior es relativamente reciente en Brasil, ganando notoriedad a partir de los años 2000, período en el cual este nivel educativo ha experimentado cambios significativos. En este contexto, diversos desafíos relacionados con el trabajo docente se han convertido en importantes temas de investigación. Sin embargo, a pesar del gran valor de los estudios derivados de estas cuestiones, algunos temas aún aparecen de manera incipiente en la literatura. En este escenario, el objetivo de este estudio fue presentar un panorama de los principales desafíos investigados en la producción académica sobre la docencia en la educación superior en la literatura nacional. Para ello, se realizó una revisión de la literatura a partir de artículos indexados en los últimos diez años en la Colección Brasil de la base de datos Scientific Electronic Library Online (SciELO).

Se seleccionaron 29 artículos, los cuales fueron organizados en cinco núcleos temáticos, categorizados según la similitud de los debates. Estos núcleos permitieron un análisis por subtemas, que estructuraron las secciones de discusión de este artículo. Los resultados indicaron que las temáticas de la formación docente y la precarización han recibido mayor atención en la literatura. Otras categorías, como género, sentido y satisfacción, e identidad y salud, también han sido presentadas como desafíos para la docencia. Los resultados sugieren que aún existen vacíos que requieren mayor profundización en este debate, especialmente en lo que respecta a los aspectos psicosociales, cotidianos y micropolíticos de la docencia en la educación superior.

Palabras clave: Trabajo docente; Educación superior; Revisión de la literatura.

Considerações iniciais

Debates sobre a educação superior brasileiro têm aumentado nas últimas décadas. Uma das razões para o fenômeno decorre da expansão desse nível de ensino a partir de meados de 1995, primeiro no governo de Fernando Henrique Cardoso, entre 1995 e 2002, e, significativamente, no governo Lula, a partir de 2003. Sobretudo, no primeiro caso, a expansão ganhou notoriedade pela criação do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) e, no segundo, pela implementação de políticas públicas federais como o Programa Universidade para Todos (Prouni), a Lei de Cotas e o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). Além disso, no governo Lula, identifica-se o aumento da criação de universidades públicas nas ‘mais diferentes regiões do país (Mancebo; Vale; Martins, 2015; Ferreira, 2019). Ao mesmo tempo, é perceptível o aumento da interiorização da educação superior, não apenas via o estabelecimento de novas universidades, mas também via o aumento do número de instituições privadas, que resultaram num processo crescente de matrículas naquele período (Barros, 2015; Reis; Pires, 2023).

Embora essa expansão represente o aumento do acesso a educação superior no Brasil, o debate sobre o tema sugere como o desenvolvimento da universidade brasileira nas últimas décadas apresenta inúmeros desafios (Sobrinho, 2010; Paula, 2017; Barbosa, 2019; Cruz, 2019; Moro; Gisi, 2023). É nesse contexto histórico que os estudos sobre a docência da educação superior ganham força, explicitando dilemas na carreira docente em tal nível do ensino no cenário nacional. Entre esses dilemas, destacam-se: a precarização do trabalho, o aumento do adoecimento mental, a falta de autonomia e possibilidade de participação dos docentes na construção das políticas norteadoras do trabalho acadêmico, o excesso de atividades administrativas e burocráticas na gestão universitária com expressiva presença das tecnologias de informação e comunicação (TICs), o baixo reconhecimento do trabalho e a remuneração (Bosi, 2007; Caran *et al.*, 2010; Borsoi; Pereira, 2013; Silva, 2015; Souza *et al.*, 2017; Melo; Campos, 2019; Penteado; Souza Neto, 2019; Leitão; Capuzzo, 2021; Broch; Breschiliare; Barbosa-Rinaldi, 2022; Gemelli; Closs, 2023).

O avanço do neoliberalismo sobre a educação e, conseqüentemente, a intensificação de modelos de gestão sustentados na lógica do mercado constituem

motivos centrais para o surgimento e a perpetuação dos problemas que afetam a docência na educação superior (Bosi, 2007; Maués, 2010; Bernardo, 2014; Oliveira; Pereira; Lima, 2017; Locatelli, 2017; Souza *et al.*, 2017; Rodrigues; Souza, 2018) – um problema também identificado na literatura internacional. Davies e Bansel (2005), por exemplo, expõem, ainda no início dos anos 2000, que dimensões neoliberais da economia de mercado já orientavam em grande medida o modo de vida acadêmico nos Estados Unidos e na Europa. O incentivo ao individualismo, o foco na acumulação de capitais econômicos e simbólicos, a naturalização do tempo do trabalho orientado mais para a geração de produtos intelectuais e menos para os processos da atividade acadêmica seriam apenas alguns exemplos da presença de uma gestão neoliberal da subjetividade acadêmica, tanto no setor privado quanto no setor público, como um análogo ao sistema econômico vigente.

Portanto, sendo esse um cenário já percebido no norte global, é esperado que, no Brasil (localizado, por sua vez, no sul global), essa relação cada vez mais íntima entre a educação e o neoliberalismo resulte em um cenário ainda mais desafiador para a docência. Logo, foi diante desse contexto que o debate a respeito da docência na educação superior, especialmente na relação com o trabalho, começou a ganhar maior notoriedade na literatura brasileira. Todavia, trata-se ainda de um debate recente, talvez como resultado dos problemas cada vez mais evidentes da vida acadêmica brasileira na última década.

Posto isso, o propósito deste estudo foi apresentar os resultados de uma revisão da literatura na qual se visou identificar os desafios sobre a docência da educação superior no país, evidenciando os principais temas debatidos e como estes têm sido retratados na literatura. A análise nos permitiu identificar que os temas mais recorrentes têm sido aqueles referentes aos problemas da formação para a docência na educação superior e à precarização do trabalho na área. Essas temáticas e as demais categorias identificadas neste estudo evidenciam o avanço da ideologia do produtivismo no ambiente universitário como uma das causas centrais para o surgimento, a intensificação e a preservação dos vários desafios presentes na docência da educação superior brasileira.

Como decorrência, a literatura tem enfatizado análises macroestruturais da conjuntura política e a incidência desta sobre questões como saúde, satisfação, motivação e sentido com o trabalho docente na educação superior. A despeito do valor teórico dessas análises macroestruturais, uma dimensão psicossocial do fenômeno tem sido subteorizada, a saber, como as relações mais próximas e evidentes entre macro e microestrutura têm se dado quando o tema são os problemas da docência na educação superior.

Metodologia

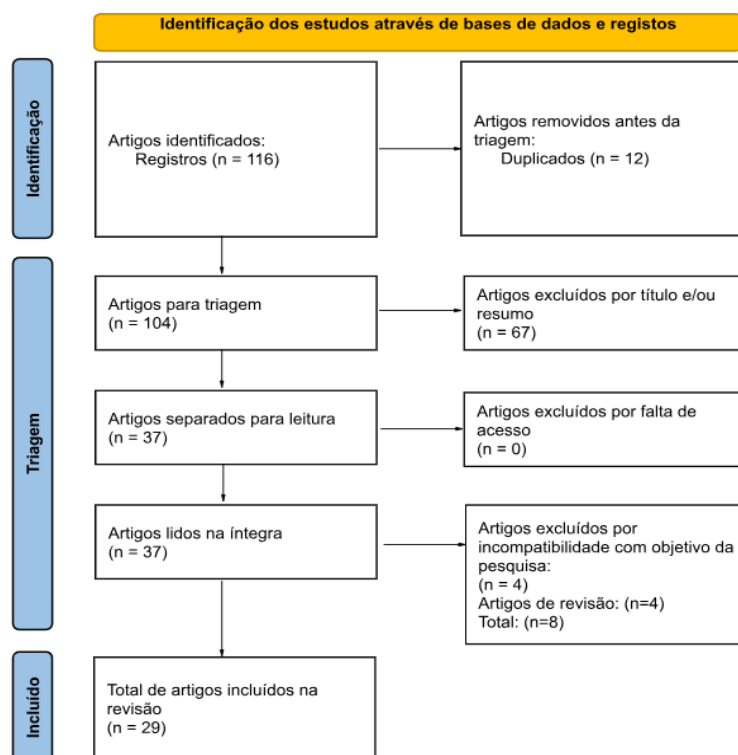
A análise da literatura empreendida nesta pesquisa foi realizada por meio de uma revisão de artigos a respeito da docência brasileira da educação superior. Nós nos inspiramos nas diretrizes do modelo *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (Prisma) 2020 para revisões sistemáticas. Esse modelo tem por finalidade auxiliar pesquisadoras(es) a construir e apresentar com maior

qualidade e transparência os caminhos metodológicos trilhados em pesquisas de revisão. Para isso, esse modelo organiza o processo de revisão a partir de três etapas: identificação, triagem e inclusão.

Quanto à procura pelos artigos, optamos pela base *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) Brasil, por ser uma das principais bases de indexação de artigos brasileiros. As buscas foram realizadas em julho de 2024, considerando duas combinações de palavras-chaves: (a) docência AND (operador booleano) “ensino superior”; (b) docência AND (operador booleano) “educação superior”. Optamos por utilizar tanto “ensino” como “educação superior”, pois, em buscas iniciais, observamos o uso das duas expressões nas produções. Haja vista o objetivo de investigar a literatura brasileira, selecionou-se o filtro “Coleção Brasil”. Quanto ao período temporal de publicação, elegeu-se uma década, ou seja, artigos indexados entre os anos de 2014 e 2024 – um momento no qual se identificam mudanças significativas dos rumos políticos no contexto brasileiro que afetaram também o ensino superior.

Assim, identificamos inicialmente 116 artigos na base de dados SciELO, dos quais 12 foram excluídos por duplicidade. Realizamos a leitura dos títulos e resumos dos 104 artigos restantes, processo que resultou na exclusão de outros 67, que não correspondiam ao interesse da pesquisa e que eram referentes à realidade de outros países, ainda que publicados em revistas brasileiras. Após essa triagem, lemos 37 artigos na íntegra. Deste quantitativo, excluímos 4 artigos que não apresentaram em seu conteúdo uma discussão pertinente para o objetivo central desta pesquisa, além de 4 artigos de revisão. Isso resultou, portanto, no total de 29 artigos que compuseram esta revisão, de acordo com o fluxograma apresentado na Figura 1.

Figura 1 - Fluxograma Prisma de pesquisa



Fonte: autoras

A análise dos dados foi realizada mediante a leitura íntegra dos artigos selecionados que possibilitou elencar os temas mais recorrentes na literatura a respeito dos desafios da docência do ensino superior. Com base nesta primeira análise, ou seja, categorização dos temas principais, construímos núcleos temáticos considerando as similaridades das discussões apresentadas nos artigos. A nomeação dos núcleos foi escolhida a partir dos próprios temas centrais apresentados nos artigos e com base em revisões sistemáticas e revisões de literatura já publicadas sobre o tema, buscando manter certa proximidade com a área de pesquisa. Portanto, foram construídos cinco núcleos temáticos que contemplaram os artigos selecionados, conforme demonstrado na Tabela 1:

Tabela 1 – Núcleos temáticos

NÚCLEOS TEMÁTICOS	Nº
Formação e desenvolvimento docente	7
Identidade profissional do docente	3
Motivação, sentido e satisfação na docência	7
Organização e condições precarizadas de trabalho	5
Saúde do trabalhador docente	2
Mulheres na docência	5

Fonte: autoras

Tais núcleos temáticos possibilitaram então a sistematização dos resultados e discussões apresentadas na próxima seção deste artigo. Além disso, visando apresentar uma seção de resultados e discussão não restrita à mera descrição dos artigos oriundos da revisão, por vezes recorreremos a outros estudos que compõem a literatura ampla sobre o tema e que se mostraram propícios para complementar as análises aqui realizadas.

Resultados e discussões

Formação e desenvolvimento docente

Nos últimos anos, a temática da formação tem sido predominante nas revisões de literatura sobre a docência na educação superior do país (Cintra, 2018; Silva; Pinto,

2019; Gemelli; Closs, 2022). Entre os achados mais recorrentes nesse cenário está a crescente percepção do aumento dos desafios da docência na educação superior, como resultado de mudanças substanciais no mundo do trabalho. Essa é uma percepção que é mais recente na literatura nacional do que na internacional, especialmente nos Estados Unidos e na França. Para Vasconcellos e Sordi (2016), esse quadro sugere que, a despeito da significativa menção ao tema, ainda estaríamos não só numa fase embrionária, de compreensão dos problemas, mas também numa fase incipiente, de identificação e propostas de resolução dos desafios na área.

Essa fase embrionária é observada na própria legislação da educação, na qual a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Brasil, 1996) apenas institui que a preparação para docência da educação superior acontecerá, prioritariamente, por meio dos programas de pós-graduação. Essa legislação se tornou alvo de críticas na atualidade, devido às suas limitações, uma vez que não enfatiza a formação para docência universitária como processo continuado, assim como não é clara acerca de critérios relativos a carga horária e desenvolvimento da qualificação em tal atividade (Pimenta; Anastasiou, 2010; Joaquim; Vilas Boas; Carrieri, 2013; Mattos; Monteiro, 2017; Forte; Angelo, 2022). Nesse sentido, compreende-se que, a respeito da educação superior, a LDB ainda apresenta muitas lacunas, gerando certo desamparo legal para a dimensão da formação e da prática da docência universitária no país.

Além disso, a literatura sugere que a pós-graduação, eminentemente voltada para a pesquisa, tem apresentado poucos recursos para o desenvolvimento das habilidades essenciais para desempenhar as atividades docentes na educação superior (Pimenta; Anastasiou, 2010; Cunha, 2014; Junges; Behrens, 2016; Mattos; Monteiro, 2017; Forte; Angelo, 2022). Tendo em vista esse problema, Oliveira (2010) alerta para a “formação” de uma série de “docentes em potencial” que podem nunca ter tido um único contato com a prática da docência. Essa dinâmica reflete um debate que tem sido reiterado a respeito da pós-graduação *stricto sensu*: a priorização da pesquisa e da formação de pesquisadoras(es) em detrimento dos eixos de ensino e extensão. Ou seja, o eixo da pesquisa, muito associado também à produtividade que possibilita a avaliação dos programas, tem sido cada vez mais valorizado no universo acadêmico, o que diminui, por sua vez, a atenção para a discussão da formação, em especial considerando a prática do ensino (Vasconcellos; Sordi, 2016; Sordi, 2019).

Na mesma linha de raciocínio, Paiva (2010) argumenta que a formação pedagógica e o preparo para o trabalho docente ocupam, quando presentes, um lugar mais marginalizado, quando não subvalorizado na trajetória acadêmica. A autora acrescenta que a falta de investimento na formação docente é sustentada por uma presunção equivocada de que um pesquisador(a) qualificado se torna, naturalmente, um bom professor ou professora. Tal presunção relembra a ideologia vocacional histórica dessa profissão, que se ancora na ideia de que tais profissionais não necessitam de uma formação específica, pois, sendo um destino quase transcendente, tais competências são naturais ou imanentes aos próprios sujeitos. Nesse quadro, Cunha (2014, p. 797) argumenta haver uma concepção social de que “Todos sabem o que faz um professor e como esse profissional atua no cotidiano de seu trabalho. Então, por reprodução dessas práticas, qualquer pessoa crê que pode

exercer a docência”.

Apesar de não discutida pelos artigos que compuseram esta revisão, uma preocupação em relação à formação docente na educação superior nas duas últimas décadas é atuar com públicos diversos, como estudantes das camadas mais populares, até então pouco presentes na universidade brasileira. Essa condição, no mínimo, introduz uma nova dimensão ao problema da formação para docência, uma vez que esse público apresenta especificidades até então pouco presentes na educação superior, conforme Cunha e Pinto (2009). Em conjunto com essa mudança, as autoras ainda destacam o avanço daquilo que se convencionou chamar de “sociedade do conhecimento”, como período de mudanças por causa do desenvolvimento especialmente de tecnologias da informação, que têm imposto dificuldades crescentes e imprevistas devido àquilo que parecia, até há pouco tempo, ser apenas um facilitador da educação: o acesso rápido e fácil a informações de todos os tipos (Cunha, 2014; Sordi, 2019).

Esses dois fenômenos produzem inúmeros desafios para a docência, que tem sido pressionada a inovar suas práticas didáticas, a se manter continuamente atualizada e a aprender a lidar com as novas diversidades e adversidades no trabalho. Talvez seja possível dizer que, mais que nunca, a posição de detentor do saber, há tempos já criticada em prol de um ensino mais horizontal, tem sido colocada em xeque, agora, especialmente pelo fácil acesso a informações, tensionando a docência a construir novos processos de ensino e aprendizagem, num cenário marcado pela sobrecarga oriunda da precarização do trabalho e, muitas vezes, sem suporte no que tange à formação.

Ainda sobre os limites da formação para docência na educação superior, uma outra dimensão do debate que tem ganhado atenção diz respeito ao início da carreira docente (Pryjma; Oliveira, 2016; Mattos; Monteiro, 2017; Sordi, 2019), quando muitas(os) jovens pesquisadoras(es) experimentam percalços profissionais, uma vez que se veem demandados a exercer habilidades para as quais não foram necessariamente formados.

A despeito dos debates e constatações sobre os limites da formação para docência na educação superior, que parece se explicitar ainda mais na figura dos docentes de início de carreira, também parece haver uma resistência, inclusive entre os próprios profissionais, à ideia de que é necessária uma formação específica para o ofício da docência (Junges; Behrens, 2016; Felden, 2017).

Quanto às iniciativas que têm sido implementadas, os artigos indicam que muitas dessas têm sido circunscritas a ações fragmentadas e por vezes descontextualizadas da realidade de trabalho das(os) docentes, geralmente como parte de uma lógica de formação secundária para a docência (Vasconcellos; Sordi, 2016; Junges; Behrens, 2016; Felden, 2017; Sordi, 2019). Outra questão que tem sido levantada é a desresponsabilização institucional para efetivação e preservação dessas iniciativas, o que pode ser visto como uma transferência da responsabilidade pela formação para os próprios docentes (Cunha, 2014; Vasconcellos; Sordi, 2016; Sordi, 2019).

Nessa lógica, pautada pela iniciativa individual, espera-se que os docentes assumam, sozinhos e pela via da informalidade, seu desenvolvimento e sua formação

(Cunha, 2014; Felden, 2017). Por mais que o apoio dos pares possa acontecer como uma estratégia, especialmente para profissionais iniciantes, Pryjma e Oliveira (2016) indicam que nem sempre os pares se mostram disponíveis, o que pode estar associado tanto ao excesso de demandas como à cultura neoliberal de competição em detrimento da cooperação, que intensifica a insegurança nas relações de trabalho. Sobre isso, ainda vale acrescentar o extenso trabalho de Robert Boice, que investigou um quadro similar nos Estados Unidos, entre as décadas de 1970 e 1990, com a hipótese de que haveria, na socialização acadêmica, uma significativa propagação da ideia de que um verdadeiro docente universitário teria que ser naturalmente capaz de lecionar. Porém, se precisasse de auxílio para tanto, isso significaria uma suposta incapacidade intelectual para a docência.

Identidade profissional do docente

Assim como em outras revisões sobre a docência na educação superior, a temática da identidade na carreira docente, em comparação às demais categorias elencadas neste estudo, é a que se faz presente de forma mais dispersa na literatura (Silva; Pinto, 2019; Gemelli; Closs, 2022) – algo explicado pela própria complexidade do conceito, quando nos voltamos para a definição de identidade. Por exemplo, Dubar (2005), um dos autores mais citados pelos artigos que compuseram este núcleo, conceitua a identidade como processo de socialização e articulação entre dimensões biográficas e história social. Portanto, trata-se de um processo amplo e de difícil conceituação.

Considerando essa concepção dinâmica de identidade, a literatura tem discutido esse processo analisando a trajetória de docentes ao longo do tempo. Para isso, pesquisadoras do tema partem da compreensão de que a imagem sobre a docência e sobre a identidade que envolve essa profissão se transforma conforme as experiências do cotidiano de trabalho. Assim, para discutir a temática da identidade, os artigos desta revisão privilegiaram uma análise dos fatores que motivaram a escolha pela docência e, especialmente, das narrativas apresentadas pelos profissionais a respeito de suas trajetórias.

Sobre o processo de escolha, as pesquisas apresentam três características centrais dos participantes: um perfil investigativo, ou seja, orientado para pesquisa; a necessidade financeira; e certa ideia de “acaso” ou, como retratado por alguns estudos, de resultado de uma predestinação, e não de uma escolha refletida (Fernandes; Souza, 2017; Rech; Boff, 2021). Quanto ao perfil investigativo, compreendemos ser uma característica coerente com a supervalorização da pesquisa no contexto acadêmico. Assim, a pesquisa pode ser tida como um dos principais fatores de motivação por permitir uma maior mobilidade no universo acadêmico, mas também por ser um espaço considerado mais livre e propício ao contato com valores como aprendizagem e mudanças sociais. Portanto, como já discutido, a formação para docência tem sido muito atrelada ao envolvimento com pesquisa, o que já se reflete na constituição identitária profissional.

A respeito da necessidade financeira como critério de escolha para a profissão docente, apenas um artigo que analisou a percepção de docentes citou esse aspecto

como fator de motivação. Contudo, tal questão era pouco aprofundada naquele texto (Rosa *et al.*, 2021). Já quanto à ideia de acaso e predestinação, podemos relacioná-la com uma herança histórica na qual a docência é tida como um trabalho vocacionado, destinado a pessoas que supostamente já apresentam essa predisposição como algo natural e que, em função do seu propósito, sacrificam-se para exercer tal ofício, visando à missão da transformação social (Lengert, 2011; Tardif, 2013).

Por mais que compreendamos que diferenças individuais e contextuais interferem diretamente na motivação pelo ingresso na docência, no que tange à identidade, esse processo de escolha nos permite identificar as expectativas que esses profissionais apresentam quando ainda não estão inseridos na realidade do trabalho. Nesse sentido, Huberman (2013), referência apresentada nos artigos para analisar o ciclo de vida das(os) professoras(es), indica, por exemplo, que a fase inicial da profissão docente é marcada por um choque de realidade entre o que se esperava e o que de fato acontece, e isso vai sendo amenizado com a experiência.

Assim, o debate na literatura tem apontado a identidade profissional e a percepção dos docentes sobre sua própria imagem como processos em constante transformação. Eles seriam construídos a partir das experiências cotidianas de trabalho e a partir das interações com pares e discentes, relações que propiciam descrições, *feedbacks* e reconhecimento a respeito da imagem desses trabalhadores (Rech; Boff, 2021; Fernandes; Souza, 2017).

Todavia, por mais que esse debate exista, observamos que ele tem se debruçado pouco sobre como esse processo tem sido construído, trazendo também poucos elementos e exemplos cotidianos a respeito da identidade profissional docente na educação superior. Essa ausência de conceituação, descrição e exemplificação pode estar atrelada a um problema no discurso das ciências humanas e sociais que, de acordo com análises de autores como Mills (2009), Billig (2013), Sword (2016) e Becker (2016), demonstram uma propensão a construção de afirmações autoevidentes que impedem o detalhamento do fenômeno psicossocial, mesmo quando estas ciências se propõem a serem críticas.

Motivação, sentido e satisfação na docência

Motivação, satisfação e sentido são aspectos fundamentais para pensarmos a relação com o trabalho e para identificarmos ideais e expectativas construídos sobre uma profissão. Tais aspectos são considerados, na literatura, categorias que envolvem tanto fatores extrínsecos – como organização do trabalho, condições e estrutura – quanto fatores intrínsecos – como sentimentos, experiências e expectativas individuais.

O fator de satisfação com a docência mais recorrente nos estudos é o reconhecimento por parte dos discentes e a possibilidade de contribuir para a formação dessas pessoas e para o desenvolvimento da sociedade (Araújo *et al.*, 2015; Cardoso; Costa, 2016; Davoglio; Spagnolo; Santos, 2017; Santos; Batista, 2018; Rosa *et al.*, 2021). Esse fator também se relaciona diretamente com o sentido do trabalho discutido por D'Arísbo *et al.* (2018), para os quais a perspectiva de mudança,

transformação social e compromisso com os discentes representa o sentimento de relevância e vinculação com o trabalho docente para os participantes.

Além da relação com os discentes, outros fatores de satisfação têm sido observados nos relatos, como estabilidade, autonomia, flexibilidade e possibilidade de estar em espaços de aprendizado contínuo (Cardoso; Costa, 2016; Davoglio; Spagnolo; Santos, 2017; Santos; Batista, 2018; Rosa *et al.*, 2021).

Chama nossa atenção que o artigo mais recentemente publicado deste núcleo (Rosa *et al.*, 2021) indica, em seus resultados, que a estabilidade tem sido percebida pelos docentes como um dos principais fatores de satisfação, o que nos leva a pensar o quanto esse fator econômico, refletido no discurso da busca pela estabilidade, irá se tornar mais frequente nas pesquisas. Isso, porque cada vez mais a crise no mundo do trabalho tem se intensificado, resultando no aumento da informalidade e na precarização de contratos de trabalho que garantam maior senso de estabilidade.

Porém, podemos refletir também o quanto essa ideia de estabilidade se sustentará como um fator de satisfação para permanência ou ingresso na profissão diante do avanço da precarização na própria educação – que, não imune aos conflitos do mundo do trabalho, também pode sofrer com desafios como a falta de oportunidades de emprego formal para a quantidade de pessoas qualificadas para docência.

Por fim, em relação à insatisfação e aos fatores que se mostram deletérios à relação de sentido com o trabalho, destacam-se: ausência de orientação e formação, especialmente para os iniciantes; precariedade da estrutura de trabalho; desinteresse dos alunos; falta de reconhecimento e valorização; e desafios impostos pela heterogeneidade das turmas (Araújo *et al.*, 2015; Cardoso; Costa, 2016; Davoglio; Spagnolo; Santos, 2017; Santos; Batista, 2018; D’Arisbo *et al.*, 2018; Pivetta *et al.*, 2019; Rosa *et al.*, 2021). Sobretudo, um fator que se mostra preponderante é a sobrecarga do trabalho aliada à falta de valorização, tanto pelo Estado como pelas instituições educacionais, bem como a visão limitada da sociedade sobre a multiplicidade das atividades docentes (D’Arisbo *et al.*, 2018).

Organização e condições precarizadas de trabalho

Mesmo tratado aqui como um núcleo por reunir os estudos diretamente associados à precarização e às condições de trabalho, cabe destacar que, assim como a formação, este é um tema que permeia grande parte dos artigos analisados nesta revisão. Essa abrangência está associada à notoriedade que a mercantilização do ensino tem ganhado frente ao intenso avanço do neoliberalismo e de seus imperativos nas instituições de ensino privadas e públicas. Tal avanço tem sido discutido, especialmente, pela dinâmica do produtivismo, caracterizado como um dos principais fatores para a precarização da docência.

Nessa cultura produtivista, a literatura chama atenção para o papel dos indicadores, das avaliações de desempenho e das formas de reconhecimento que, sobretudo, têm se sustentado na análise quantitativa, valorando assim o número de publicações, pesquisas, produtos e patentes. Conseqüentemente, tem sido observado

um esvaziamento dos eixos de ensino e extensão, visto que, imersos nessa cultura, cada vez mais os docentes têm buscado investir apenas nas atividades de pesquisa (Leonello et al., 2014; Costa, 2016; Vosgerau; Orlando; Meyer, 2017; Gatto Júnior et al., 2020).

Essa mesma literatura aponta que o trabalho docente tem ficado muito sob controle de avaliações produtivistas, conduzidas por agências de fomento que tendem a valorizar apenas o desempenho quantificado, por exemplo, por meio dos indicadores, invisibilizando outra série de atividades desenvolvidas por esses profissionais. Frente a esse contexto, a literatura tem apontado o ambiente acadêmico como um espaço de pressão contínua, no qual a docência tem sido submetida a uma intensificação do trabalho. Assim, além de “dar conta” do trabalho “invisível”, ou seja, aquele não passível de quantificação, precisam se mostrar competitivos em termos de publicações, emissão de pareceres e patentes de pesquisa, por exemplo, como explicam Vosgerau, Orlando, & Meyer (2017). Para estas autoras, esse fenômeno, nomeado como produtivismo acadêmico, tem impossibilitado uma formação intelectual integral dos docentes e, conseqüentemente, o desenvolvimento da ciência e da educação.

Atrelado a isso, é possível observar uma dinâmica de transformação das(os) docentes em empreendedoras(es), visto que, para angariar recursos para as pesquisas – recursos esses muitas vezes escassos –, cada vez mais esses profissionais têm aderido a uma lógica de trabalho individual e autônomo (Costa, 2016). Como descrevem Vosgerau, Orlando e Meyer (2017, p. 236), “Os professores trabalham sozinhos, protegidos pela iniciativa pessoal e pela liberdade acadêmica, confundindo solidão com autonomia, e temendo o julgamento de seus pares”. Portanto, uma das conseqüências desse modelo de educação tem sido a degradação das relações e da consciência de classe em prol da valorização de uma lógica de concorrência, desafio significativo à manutenção da cooperação no contexto acadêmico.

Cabe destacar que espaços onde se imagina haver um potencial para articulação, apreciação e construção de propostas de melhorias das condições e da realidade do trabalho, como os espaços de gestão, têm sido cooptados pelo excesso de atividades burocráticas. Não à toa, em vez de estar angariando prestígio por representar um espaço de liderança, a gestão tem sido vista pelos docentes como uma posição na qual o trabalho fica restrito a atividades administrativas e de gestão, quase sempre invisibilizadas e destituídas de reconhecimento e de poder decisório. Isso gera uma aversão a essa função por parte desses trabalhadores, que têm evitado assumi-la (Santos; Pereira; Lopes, 2018).

Por fim, destaca-se que, apesar do aumento das discussões sobre a precarização do trabalho docente no ensino superior, o fator econômico – ou seja, dinheiro e salário –, central a essa questão, foi subdimensionado nos artigos analisados. Menções a perda salarial, perda do poder aquisitivo dos salários, incompatibilidade entre o salário e a carga horária foram realizados pelas autoras Leonello et al. (2014) e Costa (2016); todavia, sem receber aprofundamento. Esse fato não deve ser visto como fortuito, visto que, há décadas, debates sobre uma moralidade acadêmica associada às condições econômicas e de trabalho, apontavam

para uma tendência de silenciamento desses dilemas (Kuhn, 1997; Shapin, 2008). Numa extensa análise da questão, Shapin (2008) levanta, por exemplo, a hipótese de que haveria um conflito, especialmente nas ciências humanas e sociais, em assumir que parte da determinação da motivação e do envolvimento com o trabalho do conhecimento é de ordem econômica.

Saúde do trabalhador docente

Ainda que representando um número menos expressivo de estudos que compuseram esta revisão, temas como adoecimento, saúde e qualidade de vida têm sido crescentes na literatura sobre a docência, acendendo um alerta quanto à relação entre trabalho e saúde para essa categoria (Cintra, 2018; Silva; Pinto, 2019; Gemelli; Closs, 2022). Além de fatores atrelados à saúde física, observa-se que a literatura tem destacado um significativo agravamento da saúde mental no contexto do trabalho docente, evidenciado especialmente por quadros de burnout, ansiedade, depressão e estresse (Neme; Limongi, 2020).

Analisando a literatura, observa-se que diversos fatores têm sido indicados como prejudiciais à saúde dos docentes, contribuindo assim para o aumento de casos de adoecimento e sofrimento. Os artigos desta revisão destacam alguns deles, como: acúmulo de demandas (especialmente administrativas e tecnoburocráticas), pressão por produtividade, sobrecarga, dilatação da carga horária, falta de reconhecimento, dinâmicas de gerenciamento da organização do trabalho, frustração com expectativas, conflitos interpessoais e má remuneração (Hoffmann *et al.*, 2017; Ferreira; Pezuk, 2021). Grande parte desses fatores têm sido associados à cultura do produtivismo, apresentada no núcleo temático anterior. Ambos os estudos que compuseram este núcleo destacam como esse contexto – caracterizado pela demanda intensa de produção, pelo consumo e pela mensuração quantitativa do desempenho – tem gerado uma precarização, da qual um dos desdobramentos tem sido a deterioração da saúde das(os) docentes.

Além de chamarem atenção para fatores de risco atrelados às condições e à organização do trabalho nesse contexto, Hoffmann *et al.* (2017), Ferreira e Pezuk (2021) também apontam como essa dinâmica do produtivismo tem intensificado o individualismo e a competitividade, resultando em aumento de conflitos interpessoais. Essa dimensão é fundamental para pensar a saúde desses profissionais, haja vista que, inseridos em um contexto de menor solidariedade e cooperação, a possibilidade de uma construção coletiva de rede de apoio, importante tanto para prevenção quanto para promoção da saúde, tem se mostrado cada vez mais suprimida por uma lógica inevitável de concorrência entre pares.

Ainda, Hoffmann *et al.* (2017) acrescentam à discussão como o envolvimento com trabalho, por um lado importante para satisfação e engajamento, pode, em excesso, facilitar uma submissão irrefletida à lógica do produtivismo, dificultando com que os docentes percebam fatores de risco à saúde. De acordo com tais autoras, esse envolvimento excessivo com o trabalho é mais comum entre docentes mais novos, por se mostrarem mais aguerridos e competitivos para alcançarem reconhecimento, tendo assim um gasto afetivo e emocional mais intenso que os docentes com maior

experiência.

Compreendemos, por outro lado, que essa propensão também pode estar associada a um quadro já apresentado por Carlotto (2002) em discussão sobre a síndrome de burnout em docentes. Segundo esse estudo, docentes mais novos tendem a cultivar maiores expectativas a respeito de transformações e mudanças por meio da prática docente, propensão esta que se mostra mais arrefecida nos profissionais com maior tempo de experiência.

Outra dimensão a respeito desse envolvimento mais intenso e, por vezes, prejudicial à saúde é a expectativa de transformação social atrelada a aspectos ético-políticos entre os docentes. De acordo com Silva (2015), tais docentes, majoritariamente inseridos na área de humanas e de orientação política de esquerda, mostraram-se mais suscetíveis a processos de estresse e sofrimento, justamente pelo conflito dos ideais com a realidade de possibilidades presentes no trabalho docente.

Por fim, um indicativo importante para pensar a saúde e o adoecimento na docência é o fator de gênero. Sobre isso, Hoffmann *et al.* (2017) apresentam em seus resultados um quadro mais agravante para as mulheres, pois tendem a lidar com um custo cognitivo mais elevado do que os homens, bem como a vivenciar uma maior sensação de esgotamento em relação ao trabalho. Esses dados nos levam então ao próximo núcleo temático, ligado a gênero e docência.

Mulheres na docência

O aumento da presença de mulheres docentes na educação superior é tido como uma conquista recente em termos históricos. Consequentemente, debates sobre gênero na literatura têm sido considerados ainda incipientes, como argumentam Gemelli e Closs (2022) ao analisarem a produção científica sobre a docência na educação superior brasileiro. Todavia, também é possível observar que, cada vez mais, esses debates vêm ganhando espaço num momento social no qual há um crescimento de discussões a respeito do patriarcado, do sexismo e da desigualdade de gênero. Assim, inserida nessa sociedade, a universidade também tem sido analisada como uma instituição que reproduz essas dinâmicas, tornando tais discussões imprescindíveis (Furlin, 2016; Souza *et al.*, 2021; Reis; March, 2021; Bonelli, 2021; Ferreira; Teixeira; Ferreira, 2022).

Os estudos que compuseram esta revisão e debruçaram-se sobre essa discussão concordam com a concepção de que o campo científico permanece sendo um universo que reproduz uma cultura machista e patriarcal, que privilegia e preserva crenças, valores e códigos que supostamente estariam restritos à experiência masculina, como a objetividade, a racionalidade e a capacidade de decisão. Em decorrência dessa cultura, uma série de estereótipos reforçam uma visão de inferiorização das mulheres (Furlin, 2016; Bonelli, 2021; Ferreira; Teixeira; Ferreira, 2022; Almeida; Almeida; Amorin, 2022).

Bonelli (2021) reitera ainda que o próprio neoliberalismo, racionalidade que avança cada vez mais na esfera da educação, vivifica essa valorização de códigos, dando ênfase a imperativos como competição, eficiência, pressão e racionalidade,

símbolos associados à socialização masculina. Nesse sentido, os artigos apontam para uma deslegitimação das mulheres, especialmente em cursos da área de exatas, nos quais se exalta a racionalidade. Além disso, a literatura sobre o tema tem demonstrado que, apesar da crescente presença das mulheres nas universidades, funções hierarquicamente superiores ainda têm sido ocupadas majoritariamente por homens (Moschkovich; Almeida, 2015; Oliveira-Cruz; Wottrich, 2023).

A autora também alerta que até mesmo os avanços conquistados pelas mulheres na esfera acadêmica podem servir à lógica de assimetria de gênero. Um exemplo disso seria o aumento da presença de mulheres nos espaços de liderança, como as coordenações de curso – que por um lado é considerado uma conquista, haja vista que esses lugares por muito tempo ficaram restritos aos homens, mas por outro pode estar associado à manutenção dos estereótipos de gênero. Assim, Bonelli (2021) destaca que, por vezes, as mulheres são vistas nesses espaços de liderança mais por serem aquelas que “colocam a casa em ordem”, e não necessariamente por sua capacidade profissional e intelectual.

A consequência dessa assimetria tem sido a perpetuação dos homens nas posições de poder, decisão e reconhecimento. Já para as mulheres, têm restado não apenas a sobrecarga de trabalho, inclusive aqueles invisíveis nessa lógica de “colocar a casa em ordem”, mas também um sentimento de constante vigilância, dada a impossibilidade do erro, já que os erros entre as mulheres tendem a ser mais ressaltados em função dos estereótipos de gênero em contextos diversos, assim como no acadêmico (Furlin, 2016; Furlin, 2021; Almeida; Almeida; Amorim, 2022).

Cabe acrescentar quanto a este eixo a importância de pensar no aspecto de racialização, já que docentes mulheres negras sofrem uma dupla discriminação: de gênero e de raça. Sobre isso, um dado interessante apresentado por Ferreira, Teixeira e Ferreira (2022) a partir do Censo da Educação Superior de 2018 foi que entre as mulheres docentes, tanto em instituições públicas, como privadas, predomina-se um maior número de mulheres brancas. Ao mesmo tempo, quando observamos os dados a respeito das mulheres não brancas, percebemos que a maioria destas estão vinculadas a instituições privadas que, em comparação com as públicas, apesar dos seus desafios, apresentam condições mais favoráveis de trabalho, bem como maior reconhecimento público. Portanto, as mulheres negras têm sido reservadas às piores posições em termos de hierarquia de poder e reconhecimento (Bonelli, 2021; Ferreira; Teixeira; Ferreira, 2022).

Considerações finais

Esta revisão apresentou um panorama a respeito dos desafios presentes na literatura sobre a docência na educação superior brasileira, desafios estes que refletem questões atuais debatidas no mundo do trabalho, de modo geral. Isso nos permite refletir que, a despeito de uma dinâmica de resistência no universo acadêmico em se reconhecer, também, como um ambiente laboral, ele não está imune às crises comuns ao mundo do trabalho. Todavia, com os evidentes avanços dessas crises, parece impossível no momento silenciar o problema, também presente no contexto acadêmico.

Em suma, assim como em outras revisões sobre a docência, este trabalho identificou que a temática da formação segue sendo uma das mais pesquisadas, seguida pela discussão a respeito da precarização, da organização e das condições de trabalho. Por mais que a temática da saúde esteja ganhando notoriedade em todos os setores da sociedade, o núcleo referente à saúde em nossa revisão foi composto por um pequeno número de artigos, o que pode estar associado aos limites dos critérios utilizados para busca. Além desses limites, entendemos que outra possível justificativa para isso reside no fato de ainda termos poucas iniciativas, especialmente institucionais e governamentais, direcionadas para o levantamento de dados mais específicos sobre a saúde das(as) docentes universitários, movimento que tem sido mais presente nas pesquisas sobre discentes. Compreendemos que essa ausência não necessariamente decorre do acaso, mas relaciona-se a uma cultura de silenciamento do sofrimento entre os docentes, categoria que parece ter pouca permissão social para explicitar dificuldades, frustrações e até mesmo processos de adoecimento, refletindo a ideologia vocacional que ainda ecoa nessa cultura.

Ainda, observamos algumas lacunas que também carecem de aprofundamento e podem vir a ser desenvolvidas em pesquisas futuras, como os desafios decorrentes do avanço tecnológico, que implica em debates como: o dilema entre “sociedade do conhecimento” e a noção de autoridade intelectual, a intensa inserção de TICs no trabalho docente, a sensação de conexão e disponibilidade ininterrupta, o excesso de exposição a telas, as novas modalidades de interação e comunicação, os benefícios e prejuízos desse avanço para os processos pedagógicos, entre outros. Além desse debate, observamos que, por mais que a precarização tenha sido um tema recorrente, pouco se discute a questão financeira na docência, ou seja, o salário, a remuneração, o desenvolvimento de carreira e outros aspectos relacionados a isso.

Por fim, esse panorama nos permitiu refletir que as pesquisas têm dado maior ênfase a categorias de análise mais amplas, de ordem macropolítica, como o debate a respeito do neoliberalismo, enquanto pouca atenção tem sido dada a dimensões mais microestruturais e de ordem psicossocial a respeito da docência, como: os conflitos decorrentes das relações sociais na vida acadêmica, as representações e imagens construídas a respeito do ofício docente, as regras e políticas implícitas que organizam o cotidiano desse universo, bem como as frustrações e as expectativas decorrentes do fazer docente.

Essa constatação sugere uma hipótese ainda a ser explorada, a saber, que talvez a parca existência na literatura nacional a respeito dos fenômenos microssociais relativos à docência na educação superior denote um sintoma psicossocial: a evitação em explicitar radicalmente um modo de vida profissional em crise. Essa hipótese parece fazer sentido quando consideramos que a explicitação radical do universo microssocial da vida docente na universidade implica lidar com problemas ideológicos os quais muitas vezes o universo acadêmico supõe não reproduzir.

Referências

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644492403>

ALMEIDA, Dione Alves de; ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de Castro e; AMORIM, Mônica Maria Teixeira. Gênero, discurso e docência em Matemática no ensino superior: Um olhar para o Norte de Minas Gerais. **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, São Paulo, v. 36, n. 73, p. 923–943, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bolema/a/yHJtLxH4rXpqZGqzdTxFtpf>. Acesso em: 5 jun. 2025.

ARAÚJO, Tamires Sousa; LIMA, Francielly Dornelas Correia; OLIVEIRA, Ana Clara de; MIRANDA, Gilberto José. Perceived Problems of Being an Accounting Teacher. **Revista Contabilidade & Finanças**, São Paulo, v. 26, n. 67, p. 93–105, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1808-057x201512230>. Acesso em: 5 jun. 2025.

BARBOSA, Maria Lígia Oliveira. Democratização ou massificação do Ensino Superior no Brasil? **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 240–253, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.24220/2318-0870v24n2a4324>. Acesso em: 5 jun. 2025.

BARROS, Aparecida da Silva Xavier. Expansão da educação superior no Brasil: limites e possibilidades. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 36, n. 131, p. 361–390, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES0101-7330201596208>. Acesso em: 5 jun. 2025.

BECKER, Howard S. **Truques da escrita**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BERNARDO, Márcia Hespanhol. Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, spe, p. 129–139, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000500014>. Acesso em: 5 jun. 2025.

BILLIG, Michael. **Learn to write badly: how to succeed in the social sciences**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

BOICE, Robert. **First-order principles for college teachers: Ten basic ways to improve the teaching process**. Amityville, NY: Anker, 1996.

BOICE, Robert. New faculty as teachers. In: **The Academic Profession**. New York: Routledge, 2014. p. 190-213.

BONELLI, Maria da Glória. Profissionalismo, generificação e racialização na docência do Direito no Brasil. **Revista Direito GV**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 1–15, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/5sVbRXdqGsL9KH9hgrQGMNM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2025.

BORSOI, Izabel Cristina Fernandes; PEREIRA, Flavilio Silva. Professores do ensino público superior: produtividade, produtivismo e adoecimento. **Universitas Psychologica**, Bogotá, v. 12, n. 4, p. 1213–1235, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=647/64728791012>. Acesso em: 5 jun. 2025.

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644492403>

BOSI, Antônio de Pádua. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1503–1523, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/9WptVJrmQdsdtW4fZ9VHgkh/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

BROCH, Carolina; BRESCHILIARE, Fabiane Castilho Teixeira; BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra. A expansão da educação superior no Brasil: notas sobre os desafios do trabalho docente. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 257–274, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/fpjrVCm9bJpPn6LNsGZGLPH/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

CARAN, Vânia Cláudia Spoti Caran; SECCO, Iara Aparecida de Oliveira; BARBOSA, Dulce Aparecida; ROBAZZI, Maria Lúcia do Carmo Cruz. Assédio moral entre docentes de instituição pública de ensino superior do Brasil. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 23, n. 6, p. 737–744, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/apel/a/4H7JZDDzgV7wz8bkvJmMwTP/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

CARDOSO, Cleia Grazielle Lima do Valle; COSTA, Nilce Maria da Silva Campos. Fatores de satisfação e insatisfação profissional de docentes de nutrição. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 8, p. 2357–2364, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/83Wyf3KtJTMxxKhpWRQBb7C/?lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2025.

CARLOTTO, Mary Sandra. A síndrome de burnout e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 21–29, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/hfg8JKJTYFpgCNngqLHS3ppm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2025.

CASTANHA, André Paulo. O processo de feminização do magistério no Brasil do século 19: coeducação ou escolas mistas. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 19, n. 47, p. 197–212, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/5TjtHjHWVxYtkVJhbFRqB8P/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2025.

CINTRA, Paulo Roberto. A produção científica sobre docência no ensino superior: uma análise bibliométrica da SciELO Brasil. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 567–585, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/c5DVTZG5DNnfXnqK7nzDwBh/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 5–15, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/n5nc4mHY9N9vQpn4tM5hXzj>. Acesso em: 5 jun. 2025.

COSTA, Áurea de Carvalho. As injunções aos docentes na universidade pública: de intelectuais a trabalhadores polivalentes. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644492403>

Janeiro, v. 14, supl. 1, p. 175–195, nov. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/jsPHYJqLNNLWycQhxNPF6QD/?lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2025.

COSTA, Danilo Campos; COSTA, Nilce Maria da Silva Campos; PEREIRA, Edna Regina Silva. Os papéis do professor de Medicina: diálogo entre teoria e prática no ensino superior. **Revista Brasileira de Educação Médica**, São Paulo, v. 47, n. 4, p. e114, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/f8g9K5MS7ZmBb5TZ94VBvQc/?lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2025.

CUNHA, Maria Isabel da; PINTO, Marialva Moog. Qualidade e educação superior no Brasil e o desafio da inclusão social na perspectiva epistemológica e ética. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, São Paulo, v. 90, n. 226, p. 571-591, 2009. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812009000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 5 jun. 2025.

CUNHA, Maria Isabel da. Aprendizagem da docência em espaços institucionais: é possível fazer avançar o campo da formação de professores? **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 19, n. 3, p. 789–802, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/QqsDjVj8k8pB6fLdhHr6qHs/?lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2025.

DA CRUZ, Andreia Gomes da. Desafios da inclusão no processo contemporâneo de expansão da educação superior brasileira: democratização ou massificação do acesso? **EccoS – Revista Científica**, n. 49, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n46.7949>. Acesso em: 5 jun. 2025.

D'ARISBO, Anelise; BOFF, Daiane; OLTRAMARI, Andrea Poletto; SALVAGNI, Julice. Regimes de flexibilização e sentidos do trabalho para docentes de ensino superior em instituições públicas e privadas. **Trabalho, Educação E Saúde**, v. 16, n. 2, p. 495–517, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/hQxPc8GHK8D7LSpwkmNsVfj/?lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2025.

DAVIES, Bronwyn; BANSEL, Peter. The time of their lives? Academic workers in neoliberal time(s). **Health Sociology Review**, v. 14, n. 1, p. 47–58, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.5172/hesr.14.1.47>. Acesso em: 5 jun. 2025.

DAVOGLIO, Tércia Rita; SPAGNOLO, Carla; SANTOS, Bettina Steren dos. Motivação para a permanência na profissão: a percepção dos docentes universitários. **Psicologia Escolar e Educacional**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 175–182, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/vzb6M8PmGWZkK3N9cq8dKbh/?lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2025.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: Estudo de psicopatologia do trabalho**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644492403>

FELDEN, Eliane de Lourdes. Desenvolvimento profissional docente: desafios e tensionamentos na educação superior na perspectiva de coordenadores de área. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, São Paulo, v. 98, n. 250, p. 747–763, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/5dnLZqbWYTJNXTjmLrB9tnG/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

FERNANDES, Carla Natalina da Silva; SOUZA, Maria Conceição Bernardo de Mello. Docência no ensino superior em enfermagem e constituição identitária: ingresso, trajetória e permanência. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. e64495, mar. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rngenf/a/jp6XgXHTJwHr5MFDrf6gRxG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2025.

FERREIRA, Elizabete Cazzolato; PEZUK, Julia Alejandra. Síndrome de Burn-out: um olhar para o esgotamento profissional do docente universitário. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 483–482, jul. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/tyRLWxv9pLPf6RcBFxqmgDk>. Acesso em: 5 jun. 2025.

FERREIRA, Edimara Maria; TEIXEIRA, Karla Maria Damiano; FERREIRA, Marco Aurélio Marques. Prevalência racial e de gênero no perfil de docentes do ensino superior. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 303–315, maio-ago. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/LvwKpGwBpzfTFtZkS3MygsL/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

FERREIRA, Suely. As políticas de expansão da Educação Superior do Governo Lula da Silva (2003–2010). **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 225–239, jun. 2019. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-39932019000200225. Acesso em: 5 jun. 2025.

FORTE, Joannes Paulus Silva; ANGELO, Jordi Othon. Formação docente à deriva: a preparação para o magistério superior em programas de pós-graduação em direito no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 48, e237253, 2022. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ep/article/view/195975>. Acesso em: 5 jun. 2025.

FURLIN, Neiva. Cruzando fronteiras de gênero: a docência feminina em campos profissionais “masculinos”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 48, e164816, dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/cMJ5nWRRS6ZFXtfcSH3bry/?lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2025.

FURLIN, Neiva. A produção acadêmica de mulheres professoras no campo do saber teológico: sujeição ou subjetivação ética? **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 47, e246094, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/JcGXsrz8TZx9tVgxmSk9DJx/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

GATTO JÚNIOR, José Renato; FORTUNA, Cinira Magali; SOUSA, Leandra Andréia de; SANTANA, Fabiana Ribeiro. Professor-enfermeiro no ensino superior: tempo,

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644492403>

dinheiro e resistência na visão gerencialista. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 29, e20180407, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/Khvhz9wjYyLH8HLfXLz8mPP/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

GEMELLI, Catia Eli; CLOSS, Lisiane Quadrado. Trabalho docente no ensino superior: análise da produção científica publicada no Brasil (2010–2019). **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 43, e246522, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/7nxMVpRSVhk6XDrzpHS8fgy/?lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2025.

GEMELLI, Catia Eli; CLOSS, Lisiane Quadrado. Precarização do trabalho docente de ensino superior em IES privadas brasileiras. **Brazilian Business Review**, Vitória, v. 20, n. 3, p. 339–361, maio-jun. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bbr/a/nHnLcBRRc6Q9pvzYtWj9fQH/?lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2025.

HOFFMANN, Celina; ZANINI, Roselaine Ruviano; MOURA, Gilnei Luiz de; COSTA, Vânia Medianeira Flores; COMORETTO, Emanuely. *Psicodinâmica do trabalho e riscos de adoecimento no magistério superior*. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 31, n. 91, p. 257–276, set./dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/GPrGfxy69Xj5YHrSKLVSWHJ/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António (Ed.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2013. p. 31-62.

JOAQUIM, Nathália de Fátima; VILAS BOAS, Ana Alice; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Estágio docente: formação profissional, preparação para o ensino ou docência em caráter precário? **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 351–365, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/wZvDC8QVWmL3VXk6mp7kXRP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2025

JUNGES, Kelen dos Santos; BEHRENS, Marilda Aparecida. Uma formação pedagógica inovadora como caminho para a construção de saberes docentes no Ensino Superior. **Demanda Contínua**, Florianópolis, n. 59, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/hGT8sHpdSBr9fzFLMsmYH9x/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

LAZZARI, Daniele Delacanal; MARTINI, Jussara Gue; BUSANA, Juliano de Amorim. Docência no ensino superior em enfermagem: revisão integrativa de literatura. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 93–101, set. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/97VWVWLMYkQtCBZFWT9BXdbk/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

LEITÃO, Keila de Sousa; CAPUZZO, Denise de Barros. Impactos do burnout em

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644492403>

professores universitários no contexto da pandemia de COVID-19. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 8, n. 40, p. 2379–2393, ago. 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/5067>. Acesso em: 5 jun. 2025.

LENGERT, Rainer. Profissionalização docente: entre vocação e formação. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, v. 16, n. 2, p. 5–15, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00031>. Acesso em: 5 jun. 2025.

LEONELLO, Valéria Marli; OLIVEIRA, Maria Amélia de Campos. Educação superior em enfermagem: o processo de trabalho docente em diferentes contextos institucionais. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48, n. 6, p. 1091–1099, dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/VBcWQMZzYSgXjSjNXRQ447y/?lang=en>. Acesso em: 5 jun. 2025

LOCATELLI, Cleomar. Os professores no ensino superior brasileiro: transformações do trabalho docente na última década. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 98, n. 248, p. 77–93, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/DR6H3jJ5qZvGJF4dTLrpWzh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2025.

MAUÉS, Olgaíses. A reconfiguração do trabalho docente na educação superior. **Educar em Revista**, Curitiba, n. especial 1, p. 141–160, jan./mar. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/F6k9ckz7BV SX9P6YWKSvmdt/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

MANCENO, Deise; VALE, Andréa Araújo do; MARTINS, Tânia Barbosa. Políticas de expansão da educação superior no Brasil: 1995–2010. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 60, p. 31–50, jan./mar. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/QKyJmCvwkGxsJqg7vSCC4xk/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

MANCENO, Deise; MAUÉS, Olgaíses; CHAVES, Vera Lúcia Jacob. Crise e reforma do Estado e da Universidade Brasileira: implicações para o trabalho docente. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 28, p. 37–53, dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/4dCs7S6mLqdT3DJ8wCFcFjH/?lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2025.

MATTOS, Magda de; MONTEIRO, Filomena Maria de Arruda. Desenvolvimento profissional de docentes da educação superior em enfermagem: ressignificando experiências. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 33, p. 1–15, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/sCNMSSYY4MvGTzgSxqHskFn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2025.

MELO, Geovana Ferreira; CAMPOS, Vanessa T. Bueno. Pedagogia universitária: por uma política institucional de desenvolvimento docente no ensino superior. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 49, n. 173, p. 44–62, jul./set. 2019. Disponível em:

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644492403>

<https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/5897>. Acesso em: 5 jun. 2025.

MILLS, Charles Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MORO, Guilherme Andre Dal; GISI, Maria Lourdes. FIES, PROUNI e REUNI: caminhos inacabados para a democratização do acesso à educação superior. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 28, e023012, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/dkFBMrCVxyHg9jj5XZMZzPx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2025.

MOSCHKOVICH, Marília; ALMEIDA, Ana Maria F. Desigualdades de gênero na carreira acadêmica no Brasil. **Dados – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 58, n. 3, p. 749–789, jul./set. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/LgVhs5k7bhQNgnRyCvKBTRs/?lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2025.

NEME, Gláucia Guimarães de Souza; LIMONGI, Jean Ezequiel. O trabalho docente e a saúde do professor universitário: uma revisão sistemática. **Hygeia – Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, Uberlândia, v. 16, p. 1–10, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/49861>. Acesso em: 6 jun. 2025.

OLIVEIRA, Amanda da Silva Dias; PEREIRA, Maristela de Souza; LIMA, Luana Mundim de. Trabalho, produtivismo e adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 609–619, set./dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/V3Twyq9cC536hK6PyGqhQBQ>. Acesso em: 6 jun. 2025.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; WOTTRICH, Laura. Desigualdades de gênero no subcampo científico da comunicação: o teto de vidro no quintal. **MATRIZES**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 141–163, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/192431>. Acesso em: 6 jun. 2025.

OLIVEIRA, Juliana Ferrari de. **A formação dos professores dos cursos de direito no Brasil: a pós-graduação stricto sensu**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/10236>. Acesso em: 6 jun. 2025.

PAIVA, Giovanni Silva. Recortes da formação docente da educação superior brasileira: aspectos pedagógicos, econômicos e cumprimento de requisitos legais. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 66, p. 31–50, mar. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/LGj7HR75NB9tHnVvRwfPgSx/?lang=pt>. Acesso em: 6 jun. 2025.

PAULA, Maria de Fátima Costa de. Políticas de democratização da educação superior

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644492403>

brasileira: limites e desafios para a próxima década. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 301–315, jul./nov. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/KYs6H9L5YpppTCZHPhHGd8SK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 6 jun. 2025.

PENTEADO, Regina Zanella; SOUZA NETO, Samuel de. Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 135–153, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/Y9Wfn6NphgsptvZBMpZcsSJ/>. Acesso em: 6 jun. 2025.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa Gonzalez de Carvalho. **Docência no ensino superior**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PIVETTA, Hedioneia Maria Foletto; SCHLEMMER, Neosane; ROVEDA, Patrícia Oliveira; ISAIA, Silvia Maria de Aguiar; POROLNIK, Sinara; COCCO, Vanessa Michelin. Percalços da docência universitária nas Ciências da Saúde. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 1–20, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/kczcn4TnCfP8Kx36tfMrT6F>. Acesso em: 6 jun. 2025.

PRYJMA, Marielda Ferreira; OLIVEIRA, Oséias Santos de. O desenvolvimento profissional dos professores da educação superior: reflexões sobre a aprendizagem para a docência. **Educação e Sociedade**, São Paulo, v. 37, n. 136, jul.-set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/HGfthfLDgvrjrfBKRSYLLnmz/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 6 jun. 2025.

RODRIGUES, Andréa Maria dos Santos; SOUZA, Kátia Reis de. Trabalho e saúde de docentes de universidade pública: o ponto de vista sindical. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 221–242, abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/JhFbJXDgVcdwYhshvMjyQ3J/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 6 jun. 2025.

ROSA, Luciana Aparecida Barbieri da; DIAS, Elaine Ortiz; CAMPOS, Waleska Yone Yamakawa Zavatti; GODOY, Tais Pentiado; HOFFMANN, Celina Franco; RODRIGUES, Maria Carolina Martins. Success and satisfaction in the career: an analysis with higher education teachers. **Revista de Administração da UFSM**, Santa Maria, v. 14, spe1, p. 1069–1085, set./out. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reaufsm/a/J837nrqdD6gsTYp54jcbLWj/>. Acesso em: 6 jun. 2025

RECH, Rose Aparecida Colognese; BOFF, Eva Teresinha de Oliveira. A constituição da identidade docente e suas implicações nas práticas educativas de professores de uma universidade comunitária. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 102, n. 262, p. 642–667, set./dez. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/4BKbgc6L3B5GPxP98RwfsDr/>. Acesso em: 6 jun.

2025.

REIS, Thiele Duarte; MARCH, Claudia. Trabalho docente, saúde e gênero: implicações da conjuntura político-econômica na educação superior. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 310–320, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/BwGzGTbHHjwQFDRBKSmFdfv/?lang=pt>. Acesso em: 6 jun. 2025.

REIS, Márcia Santos Anjo; PIRES, Luciene Lima de Assis. Expansão do ensino superior no Brasil de 1995 a 2020: políticas e ações. **Em Aberto**, Brasília, v. 36, n. 116, p. 1–19, 2023. Disponível em: <https://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/5480>. Acesso em: 6 jun. 2025.

SANTOS, Carolina da Costa; PEREIRA, Fátima; LOPES, Amélia. Experiências da gestão acadêmica da docência universitária. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 989–1007, jul./set. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/cQ3ZyFSk84Yph4XnDw66Y6h/> Acesso em: 6 jun. 2025.

SANTOS, Geovannia Mendonça; BATISTA, Sylvia Helena Souza da Silva. Docência, Pró-Saúde e PET-Saúde: narrativas de um fazer interprofissional. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 22, supl. 2, p. 1589–1600, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/HYmVJLkhthDHkyp4NLnznz/>. Acesso em: 6 jun. 2025.

SANTOS, Marilda Aparecida Behrens; SOUZA, Kátia Reis de. A prática pedagógica do docente no ensino de ética na graduação em enfermagem. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 91, n. 227, p. 5–15, jan./mar. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000400010>. Acesso em: 6 jun. 2025.

SHAPIN, Steven. **The scientific life: a moral history of a late modern vocation**. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 2008.

SILVA, Eduardo Pinto e. Adoecimento e sofrimento de professores universitários: dimensões afetivas e ético-políticas. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 61–71, 2015. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/7049>. Acesso em: 6 jun. 2025.

SILVA, Vera Lúcia Reis da. **Docentes universitários em construção: narrativas de professores iniciantes de uma universidade pública no contexto de sua interiorização no sul do Amazonas**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4995>. Acesso em: 6 jun. 2025.

SILVA, Vinício Oliveira da; PINTO, Isabela Cardoso de Matos. Produção científica sobre docência em saúde no Brasil. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 43, supl. 1,

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644492403>

p. 112-129, ago. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/g6RW4s8zJfqZpSfvpdWrCYk/>. Acesso em: 6 jun. 2025.

SOBRINHO, José Dias. Democratização, qualidade e crise da educação superior: faces da exclusão e limites da inclusão. **Educação e Sociedade**, São Paulo, v. 31, n. 113, p. 1223–1245, dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/dFtMDqfdWm75WSc5vKXHCtq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 6 jun. 2025.

SORDI, Mara Regina Lemes de. Docência no ensino superior: interpelando os sentidos e desafios dos espaços institucionais de formação. **Educar em Revista**, Belo Horizonte, v. 35, n. 75, p. 135–154, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/Fqhqc dzddyYScYqDg5p3vGR/>. Acesso em: 6 jun. 2025.

SOUZA, Kátia Reis de; MENDONÇA, Adriana Lúcia Oliveira; RODRIGUES, Andréa Maria dos Santos; FELIX, Eliana Guimarães; TEIXEIRA, Luciana Rodrigues; SANTOS, Maria Blandina Marques dos; MOURA, Maria. A nova organização do trabalho na universidade pública: consequências coletivas da precarização na saúde dos docentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 11, p. 3667–3676, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/xjgJxyZmM4S9tnjjCF6sBSP/?lang=pt>. Acesso em: 6 jun. 2025.

SWORD, Helen. **The writer's diet: a guide to fit prose**. Chicago: Chicago University Press, 2016

TARDIF, Maurice. A profissionalização do ensino passados trinta anos: dois passos para a frente, três para trás. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 34, n. 123, p. 551-571, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/LtdrgZFyGFFwJjqSf4vM6vs/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 6 jun. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI. **Resolução n. 04, de 23 de novembro de 2020. Revoga as Resoluções n. 01/2016 e 04/2015**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2020.

VASCONCELLOS, Maura Maria Morita; SORDI, Mara Regina Lemes de. Formar professores universitários: tarefa (im)possível? **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 20, n. 57, p. 403–414, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/PMS5QC5x6Bf6N8tLHsQbhrC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 6 jun. 2025.

VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos; ORLANDO, Evelyn de Almeida; MEYER, Patricia. Produtivismo acadêmico e suas repercussões no desenvolvimento profissional de professores universitários. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 138, p. 231–247, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/gtMMDrjZdhX8Q7yb5W5XqjN/?lang=pt>. Acesso em: 6 jun. 2025.

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644492403>

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Práticas de gestão e feminização do magistério. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 35, n. 126, p. 609–634, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/ry6Fzg8Qxt7ZCHtFTtk7Hkj/?lang=pt>. Acesso em: 6 jun. 2025.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC 4.0)